

Ensaio sôbre a História dos Hospitais

ANNIBAL VIEIRA

II

MATÉRIA MÉDICA, ANTIGA E CURIOSA

O HOMEM, — êsse caniço pensante, como disse Pascal e que se diferencia do resto da criação zoológica pelo "senso moral", como classificou Darwin — sobreviveu aos tratamentos a que foi submetido por curandeiros, boticários e físicos de antanho, graças à resistência da máquina humana que a Natureza, em sua sabedoria, proveu de inúmeras defesas. Com a exposição desta coletânea variada da matéria médica antiga, esparsa em grande número de publicações, não queremos menosprezar a sabedoria dos nossos antecessores, que possuíram verdadeiros luminares nas artes, na ciência e na filosofia. Foram êles, sem dúvida, os degraus que nos permitiram atingir o grau de cultura atual. Não poderíamos, portanto, deixar de reverenciar aqui a memória dos sábios egípcios, por exemplo, que há milhares de anos registraram, em monumentos e papiros, a sua sabedoria, que enche de admiração nossos cientistas e provocam palavras como estas do Abade Moreux, diretor do Observatório de Burgos: "Chamar em auxílio tôdas as ciências; despende, durante séculos, enormes trabalhos e esforços; melhorar os métodos de observação; aperfeiçoar a técnica; continuar, com afinco, a tarefa dos antecessores; levar a um ponto inimaginável a exatidão dos cálculos; e, no fim, descobrir o que há quatro mil anos estava descoberto, não é o mais decepcionante pensamento que possa ter o espírito de um cientista?"

A arte de curar surgiu com o instinto do animal à procura de lenitivo para seus males. A busca de medicamento, como era de se esperar, somente poderia realizar-se dos produtos que a natureza oferecia nos reinos vegetal, animal e mineral. A farmácia da natureza, assim, atendia às necessidades do homem desde o primeiro dia, reunindo em cada raiz, casca, fôlha e fruto, os remédios e os alimentos. Com o correr dos tempos, a prática e a experiência foram enriquecendo o arquivo do conhecimento humano, que passou a procurar o agente responsável pelas reações conseguidas no organismo, mediante a administração dos maceratos, cozimentos e pós. Coube aos alquimistas, sem dúvida, o mérito do reconhecimento das formas complexas em que se encontravam os

remédios e da necessidade do homem intervir para separar o útil do inútil, para isolar o que curava do que era inócuo ou nocivo. Nasceu daí o emprêgo de várias formas extrativas de produtos animais e vegetais, tinturas e extratos, surgindo, em consequência, a arte "espagírica" que consistia em se tirar a "alma" do vegetal.

A falta de conhecimento das virtudes terapêuticas foi o agente do empirismo na medicina e o responsável pela pluralidade de medicamentos infalíveis na cura das doenças. A Rogério Bacon coube o brado alertador contra a polifarmácia: "*Medicamentorus varietas ignorantiae filia est*".

Valerius Cordus, a quem se deve uma das mais antigas farmacopéias ocidentais, tinha a mania de anotar tudo que se relacionasse com a medicina e, tornando-se admirador de Aureolus Philippus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, célebre alquimista da Idade Média, mais conhecido como Paracelso seguiu-lhe os passos durante meses, anotando tudo quando dizia e colecionando, com êle, plantas e raízes, experimentando metais, acompanhando-o à cabeceira dos doentes e ouvindo atentamente cada uma das suas prescrições. O entusiasmo que a volumosa lista de medicamentos relacionados por Cordus despertou entre os médicos da cidade de Nuremberg foi tal, que o Senado local adquiriu o precioso manuscrito "para glória da cidade e benefício da humanidade".

Com a evolução da química, conseguiu-se isolar os princípios ativos a que deviam os produtos naturais sua ação (alcalóides e glicosídios) e, mais ainda, não contentes em extrair êsses princípios, chegaram mesmo a reproduzi-los pela síntese e também criar novos corpos, enriquecendo, assim, o arsenal terapêutico.

Os remédios de origem humana, incrível como possa parecer hoje em dia, figuram em destaque nas velhas farmacopéias. As teorias e indicações terapêuticas, que preconizavam o seu uso, encontram grande semelhança nos alfarrábios na China, no Egito, na Arábia e mesmo na Europa, onde era recomendado por Lemery no século XVI. Segundo o trabalho de Bernard E. Read, publicado em 1932 pelo *Peking History Bulletin*, parece caber à China a glória de ter organizado a mais antiga matéria médica. Nesse trabalho, as referências mais remotas atingem à Dinastia Liang, 3.500 anos antes da era cristã. Foi o imperador Shen-

Nung quem incumbiu a T'ò Hung-Chiang de catalogar os medicamentos usados, organizando-se, assim, o primeiro Pen Ts'ao. Posteriormente, isso já no ano 2.597 a C., Li Shih-Chen reorganizou o Pen Ts'ao fazendo excluir os medicamentos que a prática demonstrara serem ineficazes. Durante os vários séculos, foram introduzidos novos produtos, contando hoje com 287 medicamentos padronizados, isso apenas, no capítulo referente aos fabricados com o corpo humano. Em tais especialidades farmacêuticas imperam as seguintes bases: Alma; Bile; Bigode e suíças; Cabelo caído da cabeça; Cabelo de criança; Cabelo do púbis; Cálculos da bexiga; Cálculos da vesícula biliar; Carne; Cêra de ouvido; Cordão umbilical; Crânio; Dente; Fezes; Lágrimas; Leite; Meconium; Monstruosidades; Múmia; Ossos; Pênis; Placenta; Placenta velha, liquefeita; Respiração; Sangue; Sangue menstrual; Saliva; Sêmen; Sedimentos urinários; Sujeira do joelho; Suor; Tártaro; Unhas do pé e da mão; Uréia; Urina.

Aqui no Brasil, também, o corpo humano foi usado como medicamento. A gordura dos enforcados, o "óleo humano", já foi muito disputado no Rio de Janeiro. Conta Vieira Fagundes, em crônica de 1901, que o doutor Francisco da Fonseca Henriques era de opinião que, para calvície, após referência a variada e curiosa medicação, como as peles de cabras queimadas, a manteiga de urso, os pés de ratos domésticos, os pós de abelhas, moscas e rãs, combinados, assim concluía: "o melhor remédio que temos achado para regenerar o cabelo é "fregar", depilada, com aguardente ou da Rainha da Húngria e untar, depois de "fregada" com unto quente de homem que acabasse a vida com morte violenta".

As minhocas também tiveram sua época. José Antônio Mendes publicou em 1771, um livro de caráter prático destinado aos que vivem distantes de professôres, seis, oito e mais léguas. Nesse trabalho usava métodos próprios, dignos de figurar na coletânea das coisas mais extravagantes, como o magnífico recalcificante "jasmin de cachorro". Para amigdalite, aconselhava pescoço de galo torrado e pulverizado e, para resolver panariços e abscessos, nada melhor que o uso tópico de minhoca.

Silva Mello em sua "Alimentação, Instinto e Cultura", cita um grande remédio da antiguidade e que hoje em dia está encontrando um pouco de seu prestígio em determinados casos clínicos — a "Acqua-vitae".

O álcool não foi considerado, a princípio, como bebida e sim, como poderoso remédio, com o nome de "água da vida" Villeneuve escreveu sobre o álcool um verdadeiro tratado, que teve por título: "A conservação da juventude e o retardamento da velhice". Por seu turno, o próprio Ambrosio Paré, asseverava que "L'eau de vie est une espèce de panacée dont les vertus sont infinities". Tornou-se assim a "eau-de-vie" em um poderoso e extraordinário remédio tendo sido empregado em tão variadas enfermidades que, pelo século XVI,

chegou a tornar-se o primeiro dos medicamentos, uma verdadeira e universal panacéia. Servia, então, para tudo, tanto por via interna como externa. Em 1387, estando o rei de Navarra moribundo, procuraram reanimá-lo a custa de envoltórios embebidos em aguardente, os quais, por imprudência, pegaram fogo, tendo o rei morrido queimado.

As bebidas alcoólicas sempre tiveram grande aceitação pelo homem, perdendo-se na noite dos tempos a sua utilização pelos povos. Os gregos criaram um deus — Baco — para símbolo, ao qual chamavam: "deus libertador" porque êle, segundo Píndaro, libertava a alma das preocupações e das misérias da vida. Os velhos egípcios chegaram a cognominar a bebida de "sabão da alma", porque a mesma parecia lavá-la ou limpá-la dos desgostos da vida. A própria Bíblia fala frequentemente das qualidades do vinho, que ela exalta, dizendo "servir êle para alegrar o coração do homem".

Com a descoberta de novos processos para destilação do álcool seu uso generalizou-se de forma tal que, de remédio, passou a veneno. Basta citar, ainda, de acôrdo com a obra de Silva Mello, que a Suécia, em 1837, com uma população de 3 milhões de habitantes tinha 170 mil destilarias, o que segundo os melhores cálculos, dava para cada adulto um consumo anual de 80 a 100 litros de aguardente.

Quase pela mesma época, o número de mortes pelo álcool era calculado em 50 mil por ano na Inglaterra, onde havia tascas com tabuletas declarando poder o freguês embriagar-se por 2 pence, tendo direito de, por 4, tomar bebedeira completa, de cair para não se levantar. E, depois, podia ainda servir-se do chão coberto de palha, para curti-la até acordar.

Em 1885 a Bélgica possuía 140 mil estabelecimentos de bebidas alcoólicas, o que dava uma proporção de 1 para cada grupo de 43 habitantes, ou de 1 para 12 fregueses.

O receituário no Brasil de mil setecentos e pouco era eivado de abreviaturas só dos médicos conhecidas, sendo exemplo de uma dessas receitas o que cita Lycurgo Santos Filho, em sua magnífica História da Medicina no Brasil:

"Av.^a 3. Crist. 3 Alm.^o 3, em cozimento com açúcar".

Essa receita foi interpretada por um vizinho do boticário, por não se achar êste presente, para um moleque analfabeto que ficara em lugar dêle na farmácia: "Avenca, Crista de Galo, Alemonada, naquelas quantidades com açúcar". Entretanto o físico quisera receitar: Aveia, Cristal Mineral, Almeirão nas quantidades indicadas.

Na China antiga, o espírito de economia dos chineses introduziu prática bem curiosa. Desde tempos imemoriais que o doente discute com o droguista ou o médico o preço de um medicamento. Depois de muita discussão, acaba sempre o droguista vendendo sua mercadoria por preço vil para evitar que o doente procure curar-se em

outra botica qualquer. Antes, contudo, de se chegar a um acôrdo sôbre o preço do medicamento ou do tratamento, o doente vai solicitando ao médico que elimine do receituário mais êsse e mais aquêle componente, para ir diminuindo o preço e, muitas vêzes, que substitua os ingredientes por outros de preço menor. Por fim, quando estabelecem o último preço e o doutor-boticário declara francamente não ser possível reduzir ou substituir mais os ingredientes da poção e que, para se obter a cura é necessário usar o medicamento por determinado tempo, é chamado a opinar o conselho de família. Na presença do doente entram a discutir o que mais preferível seja. Discute-se para saber se, levando em conta a idade avançada do doente ou a pouca probabilidade de cura, não fôsse melhor abster-se a família de fazer a despesa e deixar que as coisas sigam suavemente o seu caminho. Muitas vêzes é o próprio doente que entra a deliberar e opinar no sentido de que se reserve o dinheiro para comprar um ataúde de melhor qualidade, já que se tem de morrer mais cedo ou mais tarde e é muito natural que se renuncie a viver alguns dias mais, a fim de se conseguir um entêrro mais luxuoso. Nesta doce e consoladora perspectiva, despacha-se o médico e, sem mais demora, chama-se o fabricante de ataúdes...

Entre os índios guaranis, a arte de curar se praticava de maneira originalíssima: quando um médico era chamado para assistir a um doente, começava por perguntar-lhe qual a parte dolorida e punha-se a chupá-la com muito empenho até que, cansado, tirava da boca algum bicho ou verme, espinho, pedacinho de pau ou pedra, que tivera o cuidado de ocultar prèviamente e o apresentava como causador do mal. Receitava, então, abstinência de alguns alimentos, a qual deveria ser observada pelos parentes do doente, embora no gôzo de boa saúde. Nisto consistia, precisamente, a habilidade do médico, porque se o paciente morria, tôda culpa recaía sôbre os parentes do morto, os quais, sem dúvida, não tinham observado fielmente o jejum impôsto...

A manutenção de hospitais foi sempre difícil, por falta de verbas suficientes e conta-se que certo chefe de enfermaria da Santa Casa do Rio de Janeiro resolvera econômicamente êsse problema receitando: "Sangria e fórmula I" para os doentes da ala esquerda, "Purga e fórmula II" para os doentes da ala direita. No dia imediato, invertia-se a ordem: sangria para a ala direita e purga para a ala esquerda. Naqueles dias, por certo, não deveriam faltar vagas na Santa Casa...

O tratamento pela sangria já foi muito usado no passado chegando a constituir-se em verdadeira panacéia. A "ajuda fresca": purgantes e sangrias, era receitada obrigatôriamente pelo físico que receitava, ainda, para o doente, a seguinte quadra:

"Tengo Sangrado e purgado
Si no queres quedar bueno
Hiras para el sacristan
Que asi lo manda Galeno".

O fundador da medicina experimental e da oficina farmacêutica há 18 séculos, CLAUDIUS GALENO, Médico de Marco Aurélio de Cômodo e de Sétimo Severo, via-se associado, assim, àquela extravagante terapêutica.

O tratamento pelo clister já teve seu apogeu quer para prevenir contra as doenças como igualmente para curá-las. Luiz XIII fêz, em um ano, 215 purgações e 312 lavagens. No tempo de Luiz XIV, todo mundo tomava lavagens, várias vêzes ao dia e até mesmo em público. Era a orgia das lavagens. Na "L'art de prescrire par le professeur Gilbert", o assunto foi amplamente comentado, citando-se mesmo o processo movido pelo enfermeiro Etiennette Boyeau contra o cônego François Bourgeois que se recusou a pagar as lavagens diárias que lhe fizera Etiennette durante 2 anos. A lavagem retal, também denominada clister, passou a ser chamada "remédio", em virtude daquele nome soar desagradavelmente nos delicados pavilhões auriculares de Mme. Maintenon, ao tempo de Luiz XIV. Segundo Yvon, sua definição era "injeções retais" e, de acôrdo com Plutarco, Plínio e Galileu, referem-se à lenda do pássaro "Ibis" que, no Egito, ensinou o uso de semelhante terapêutica.

A capacidade do homem para expressar seus sentimentos através da palavra escrita e oral é uma das coisas maravilhosas da máquina humana, bastando, para se aquilatar do que isso representa, atentar-se para o fato de que é através dela que o homem espelha o que percebe pela visão, olfato, audição e tato. Mas, nem sempre foi usada conscienciosamente. Exemplo disso encontramos no abuso da credulidade do povo, apregoando (no caso presente do nosso comentário) virtudes medicinais inexistentes e fazendo a fortuna de inúmeros aventureiros. Em 1840, por exemplo, nos periódicos de Recife, Rufino Luiz Henriques, "farmacêutico com carta", dizia possuir em sua casa uma "fonte intermitente d'água férrea artificial feita por meio do gás litroso marcial"; dizia também possuir à venda um "Específico remédio certo para algumas moléstias mais importantes segundo a receita de Mr. Zapata. Vende-se em Olinda, rua do Bonfim casa n.º 2; êste remédio cura o mal coral dando-se a beber 2 vidros do dito remédio no acesso do ataque, usando-se na primeira até a 3.ª vez; restabelece a falta de ouvir, conforme a idade, desfaz a catarata, velidas, neveiros dos olhos; cura a gôta coral, desfaz a pedra da bexiga como as carnosidades da uretra, a dose para uso interno é uma onça a duas, nos olhos pinga-se 2 ou 3 vêzes ao dia, em cima da parte afetada, o mesmo se faz nos ouvidos fechando depois do remédio, com fios de pano de linho. Eu ainda não tive ocasião para observar o que diz o autor com muita afirmativa; porém, tendo eu sido acometido em Angola de um ataque de cólica nefrética por 3 vêzes; em Benguela, uma vez; em Olinda 3

vêzes, o qual me punha a pedir confissão, o que é sabido por aqueles que me conhecem; e lembrando-me ultimamente do tal remédio fiquei bem e até o presente ainda não fui atacado; note-se mais que tendo eu ao mesmo tempo um moleque doente, no tratamento de uma febre maligna, e que se degenerou em perniciosa, tendo um ataque de tuberto (esta moléstia faz um doente parecer estar morto, sem estar realmente; mas havendo interêsse na pessoa doente ela ficará como morta para sempre) dando-lhe o tal remédio o salvei o qual passei a cobres por causa das dúvidas; é o que consta do dito específico. Para embalsamar cadáveres é o melhor bálsamo como poderoso antisético; não depende mais do que estripar o corpo, molhar algodão no dito remédio e encher o vão do cadáver; é o que tenho de afirmar. A) Rufino Luiz Rodrigues, farmacêutico com carta. Na mesma cidade, em 1828, apareceu o anúncio de um “elixir dentálgico” que tirava as dores de dentes, limpava a boca, evitava a cárie e êle mesmo arrancava dentes com velocidade substituindo os dentes extraídos por outros.

A publicidade das virtudes existentes nas especialidades farmacêuticas apresentava-se, às vêzes, de maneira pitoresca. Assim, encontramos êstes dois exemplos, o primeiro destinado às cloróticas da época e, o segundo, o depurativo muito apreciado de nossos avós, a tintura de salsa, caroba e manacá:

Mea culpa

Padre, tendo em mim muito pecado!
Pois então, meu amigo, é deitar fora.
Ai! não sei, ai! não sei se o posso agora!
Neste caso, temos nós já conversado.

No caminho da vida andei errado.
O pior é a massada, — e sem demora...
Escuta por quem é, não vá embora.
Se lhe presto atenção, fico arranjado.

De meus crimes de moço me confesso,
E aqui junto a seus pés curvado, peço
O perdão ao pecador contrito dá.

Pois se quer à penitência sujeitar-se
E de seus crimes, enfim, purificar-se
Tome Salsa, Caroba e Manacá”.

Às moças

Se acaso as moças desejam
Ter nas faces linda côr
Uma pele aveludada,
Belo rosto encantador;

E as graças da mocidade
Longos anos possuir,
Essa magia a que o homem
Tenta embalde resistir;

Se desejam, enfim, casar-se
E aos maridos governar,
Pelo condão da beleza
As leis aos moços ditar;

Só há um meio seguro
Que disso tudo é capaz:
Busquem manter a saúde,
Tomem vinho de Ananás.

Inúmeros foram os abusões admitidos pelos homens de tôdas as épocas, fruto da falta de cultura científica. Como fêcho dêste capítulo, citaremos que, em 1720, por exemplo, João Curvo Semmedo, — Cavalheiro Professo da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Officio e médico da Casa Real de Portugal — fêz imprimir, “em narração clara e concisa, tudo o que lhe tinha ensinado a experiência de cinqüenta e seis anos”. Era a “Atalaia da vida contra as hostilidades da morte, fortificada e guarnecida com tantos defensores quantos são os remédios experimentados pelo autor”. Vejamos como tratava um dos casos clínicos, o Cavalheiro Professo da Ordem de Cristo: “Um útero sai do seu lugar a modo de badalo de sino e que se recolhe com os remédios seguintes: “Atareis dois ratos por um fio ou cordel às pernas da enfêrma, e se deixam andar por elas, e do grande Mêdo que disto lhe resultar, repentinamente se reduzirá o útero a seu próprio lugar. Fazer uma barra de aço em fogo, e repentinamente descobrir a mulher, que tem a madre fora fazendo que a quer meter dentro em a madre, e será tão grande o mêdo que a mulher tomará que será bastante para que a madre se recolha. De betume judaico duas oitavas, de estêrco de boi uma oitava, misture-se e faça-se sufumígio ao útero, que é remédio experimentado para recolher a madre, que por intolerável dor saiu fora do seu lugar. Os fumos do estêrco de boi sêco, e das penas da perdiz, tomados por um funil que se meta na bôca do vaso feminino, é remédio experimentado para recolher a madre a seu lugar”.

O médico da Casa Real também tinha especialidades de sua invenção, entre elas, a massa “Curviana Alviduca” usada em pílulas para “acidentes da gôta coral, vagados, dores de cabeça, pesadelo, parlezias e convulsões caninas, encorreamentos dos queixos, parlezias ou sezão do rosto ou em outra parte, nervos encolhidos ou relaxados, caroços ou entabuamentos dos peitos das mulheres, dores do estômago, para os que vomitam muitas vêzes o que comem e para os que são úmidos do estômago que sempre estejam cusbindo, para as tosses antigas e fluxões catarrosas e para os asmáticos”. A massa “Curviana Alviduca” era, como vimos, poliefficiente. Entretanto, em nossos dias, se procurarmos bem, encontraremos algumas massas “alviducianas”, tal como naquela época.